



Murillo de Aragão

Advogado, mestre em ciência política e doutor em sociologia pela UnB, é professor adjunto da Columbia University e CEO da Arko Advice Pesquisas



Brasília: o palco da dicotomia de importância

Brasília, a capital política do Brasil, emerge como um fascinante estudo de caso da dicotomia entre ser mais importante do que parece e parecer ser mais importante do que realmente é. Esse enigma, enraizado no coração da vida política e social da cidade, reflete as complexas dinâmicas de poder e percepção que caracterizam o epicentro da governança brasileira.

O ser e o parecer importante é um dilema típico das cortes. Brasília ainda guarda resquícios dos tempos imperiais em que a proximidade e a intimidade com o poder valiam mais do que as instituições. Como nos tempos de antanho, temos *power brokers* poderosos que ditam o ritmo da partida. Porém, existem outros, não tão visíveis, que fazem a diferença no processo decisório.

Na arquitetura monumental e nas vastas esplanadas de Brasília, o cenário é montado para um jogo de sombras e luzes em que a importância nem sempre é medida pela visibilidade. Aqui, muitos dos indivíduos que verdadeiramente “fazem acontecer” operam nos bastidores, longe dos holofotes da mídia e da atenção pública.

Nesse ambiente contemporâneo, marcado pela prevalência da imagem e da influência, a dinâmica do poder frequentemente transcende as contribuições tangíveis e mensuráveis. A

capacidade de influenciar o processo decisório – seja por persuasão, retórica eficaz, ou habilidade de se apresentar como autoridade – pode, em muitos casos, eclipsar os méritos reais e as realizações concretas de anônimos. Outras vezes, os que realmente fazem acontecer é que preferem o anonimato. Seriam “heróis” anônimos das formulações das políticas públicas e do processo decisório.

São os políticos, assessores, técnicos e funcionários públicos dedicados, cujas decisões e ações diárias são cruciais para o funcionamento do governo e do país, mas que, por natureza de seus papéis, permanecem menos visíveis e, conseqüentemente, parecem menos fundamentais do que realmente são. Mas também são advogados, representantes de interesses organizados, líderes sindicais e associativos, jornalistas, entre outros que participam do jogo do poder.

Nesse contexto, Brasília é também o palco onde alguns buscam projetar uma imagem de importância e influência que excede sua real contribuição ou posição. Esse fenômeno não é exclusivo da capital brasileira, contudo, é particularmente perceptível no contexto político, meio em que a imagem e a percepção podem ser moedas tão valiosas quanto a substância real.

Tal situação cria uma atmosfera típica em Brasília na qual a percepção da relevância, da significância e da influência de um indivíduo ou entidade pode ser amplamente desproporcional à sua contribuição efetiva ou impacto real. Essa disparidade entre percepção e realidade não apenas obscurece a verdadeira natureza das contribuições individuais, como também pode distorcer o processo decisório, ao favorecer a forma em detrimento da substância.

A influência desmedida da percepção sobre a realidade tangível traz implicações profundas para diversas esferas da vida, desde o ambiente corporativo até a arena política. Na política, candidatos com maior presença midiática ou habilidades de comunicação superiores podem ofuscar adversários com menos carisma ou visibilidade, embora com propostas de políticas mais substanciais. O mesmo ocorre com agentes de interesses que buscam parecer mais influentes do que são e, até mesmo, vendendo o que não podem entregar, no afã de se inserir no processo decisório.

Essa realidade coloca um prêmio na imagem e na percepção, incentivando indivíduos e organizações a investir significativamente na própria imagem dentro dos parâmetros da economia da atenção. Onde se vende a percepção de quem aparece mais, tem, potencialmente, mais influência e consegue capturar melhor a atenção dos tomadores de decisão. Porém, no jogo do poder quase sempre o menos é mais.

A dicotomia entre ser influente e parecer influente se reflete não apenas nas complexidades inerentes ao exercício do poder e da influência, mas também nos desafios de discernir o

valor real em um contexto saturado de representações e aparências. E desafia tanto os observadores quanto os participantes do cenário político de Brasília a questionar e aprofundar seu entendimento sobre o que constitui a verdadeira importância e como ela é manifestada.

Ao mesmo tempo, tal dicotomia ressalta a importância de uma avaliação crítica das figuras que frequentemente ocupam o centro do palco, questionando até que ponto sua visibilidade corresponde à sua contribuição real para o bem comum. Nas análises que fazemos na *Arko Advice* sobre a elite parlamentar, muitos dos que são apontados como influentes não têm grande destaque midiático, operando mais nos bastidores. Já os que são apontados como destaque na arena legislativa muitas vezes aparecem mais do que decidem, têm mais luz do que calor.

Valem algumas palavras sobre os bastidores. Muitos pensadores trataram do fato de a história contada ao mundo não ser a verdadeira história dos acontecimentos. Primeiro, porque a história termina sendo contada pelos vencedores – e, quando surge uma “contrahistória”, tampouco ela é a verdadeira, já que segue a narrativa dos que não foram os vencedores. No processo decisório de Brasília, muito do que ocorreu não foi contado, pois os processos são entrecortados por momentos de opacidade e de omissão dos atores que ali atuaram. Não deixa de ser fascinante.

As dinâmicas do poder

A dicotomia de importância em Brasília é um lembrete poderoso sobre a complexidade das dinâmicas de poder e percepção na capital



política do Brasil. Desvendar esse enigma não é apenas um exercício de análise política, é também um passo crucial para o desenvolvimento de uma sociedade mais informada, justa e representativa. Na qual a verdadeira importância é reconhecida e valorizada, independentemente da visibilidade.

Enfim, a exibição de poder na esfera pública é, muitas vezes, comparável à visão de um *iceberg*: o que é visível acima da superfície representa apenas uma fração da realidade, complexa e multifacetada, que se esconde nas profundezas. A metáfora ilustra de forma eloquente a natureza enigmática do poder, onde a zona oculta – vasta e profundamente influente – é o terreno no qual se desenvolvem as verdadeiras ações que moldam o que é apresentado ao público.

A “zona oculta” do *iceberg* do poder é, portanto, o domínio em que as ações mais consequentes e decisivas são planejadas e executadas, longe dos olhares do público. É nesse espaço que as estratégias são delineadas, as alianças são formadas e as decisões críticas são tomadas, em geral sem o conhecimento nem o escrutínio da opinião pública.

O poder real, portanto, reside não apenas na capacidade de tomar decisões e exercer influência, como também na habilidade de navegar e manipular as correntes invisíveis que sustentam a estrutura social e política. Sobretudo operar a constante assimetria de informações no processo decisório, dentro do qual poucos sabem tudo. Alguns sabem alguma coisa e a maioria não sabe nada.

Tal cenário ressalta a importância de se buscar uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder,

Brasília ainda guarda
resquícios dos tempos
imperiais em que
a proximidade e a
intimidade com o poder
valiam mais do que as
instituições

reconhecendo que a verdadeira influência muitas vezes opera fora do campo de visão público. A diferenciação entre o ser poderoso e o parecer poderoso é crucial para desvendar os verdadeiros mecanismos que dirigem as ações e os eventos, permitindo uma análise mais crítica e informada das estruturas de poder que moldam a nossa realidade. Ao fazer isso, podemos começar a apreciar a complexidade do *iceberg* do poder em sua totalidade.

Outro ponto relevante na dicotomia da importância é saber como os importantes, visíveis ou nem tanto, são importantes. Existem qualidades que, cumulativamente, vão ampliando a influência do indivíduo. Uma delas é a capacidade de transversalidade do diálogo, no sentido de poder conversar com os vários núcleos de poder em Brasília. Outra é a credibilidade nos acordos políticos. Quem promete deve cumprir, sob pena de ficar desmoralizado e ser considerado “moeda falsa” no sistema político.

As mencionadas nuances da dinâmica política brasileira geralmente são relegadas a segundo plano nos debates cotidianos, pois escapam das preferências ideológicas e das pautas imediatas. Em vez disso, esses aspectos destacam a intrincada interação entre os atores políticos e as estruturas institucionais do país. Trata-se de uma reflexão sobre os mecanismos pelos quais o jogo político é jogado, muitas vezes obscurecido pela persistente influência do Estado sobre a sociedade.

A predominância do Estado sobre a sociedade tem profundas ramificações na forma como a política é conduzida e percebida no Brasil. Ela molda as relações entre os diversos poderes, a distribuição de recursos e oportunidades, e até mesmo as próprias noções de cidadania e participação política. Nesse contexto, é fundamental reconhecer que a democracia brasileira ainda enfrenta desafios significativos em sua consolidação, especialmente no que diz respeito à redução das desigualdades sociais e ao fortalecimento das instituições democráticas.

Para além das discussões ideológicas e das agendas políticas momentâneas, é necessário um olhar crítico e analítico sobre os processos políticos em curso. Somente ao compreendermos as complexidades e as sutilezas desses processos poderemos buscar formas mais eficazes de promover mudanças positivas e construir uma sociedade mais justa e igualitária. ▣

*Murillo de Aragão escreve a
cada bimestre.*